

TEORIAS PSICOLÓGICAS E O TRABALHO DO PROFESSOR: ANÁLISE EM PERIÓDICOS A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.

THEORIES OF PSYCHOLOGY AND THE WORK OF THE TEACHER: ANALYSIS OF PERIODICALS BASED ON HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

Laíssa Muniz da Silva^{*}
Marilda Gonçalves Dias Facci^{**}
Rosane Gumiero Dias da Silva^{***}

RESUMO:

Consideramos fundamental compreender a atividade docente, visto que a escola é uma instituição que tem como função possibilitar aos alunos a apropriação dos conhecimentos historicamente construídos. Desta forma, esse texto tem como objetivo analisar quais teorias psicológicas têm contribuído para a compreensão do trabalho do professor. A metodologia adotada foi pesquisa bibliográfica em sete periódicos da Psicologia e um periódico da Educação, no período de 2002 à 2006, tomando como pressuposto a análise da Psicologia Histórico-Cultural. Os resultados obtidos, do total de 1142 artigos consultados indicam que somente 3,06% (35) tratam do trabalho do professor, e destes, apenas dois artigos (5,71%) têm como perspectiva teórica a Psicologia Histórico-Cultural. Concluindo, destacamos a necessidade de mais estudos acerca da atividade docente na área de Psicologia, pois, como Vigotski afirma, cabe ao professor fazer a mediação entre os conteúdos curriculares e os alunos, contribuindo para o desenvolvimento psicológico daqueles que passam pelo processo de escolarização.

PALAVRAS-CHAVE:

Trabalho do professor, Psicologia Histórico-Cultural, Teoria psicológica.

* Aluna do curso de Psicologia da UEM. - e-mail: laissa@gmail.com.

** Professora do Departamento de Psicologia da UEM, doutora em Educação Escolar pela UNESP-Araraquara, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia-UEM. - e-mail: marildafacci@wnet.com.br

*** Professora do Departamento de Psicologia da UEM, doutora em Educação pela UNICAMP - e-mail: rosane_gds@hotmail.com.

ABSTRACT:

We consider that is fundamental to understand the teaching activity, because the school is an institution that has the function to enable students to take the knowledge historically constructed. Faced with this issue, this paper aims to examine what psychological theories has contributed to the understanding of the teacher work's. The methodology adopted was literature research in seven journals of Psychology and one journal of Education, in the period of 2002 to 2006, from the analysis of Historic-Cultural Psychology. The results of 1142 articles consulted indicate that only 3.06% of then (35) talks about of the teacher work. Only two of these articles has the perspective of Historic-Cultural Psychology. In conclusion, highlighted the need for more studies about teaching in the field of psychology because, as Vygotsky says, the teacher do the mediation between the curriculum content and the students, contributing to the psychological development of those who pass through the process of schooling.

KEYWORDS:

Teacher work, Historic-Cultural Psychology, Psychological theories.

Introdução

Na atualidade, estamos presenciando o processo de globalização ou a mundialização da economia. Numa sociedade em constantes transformações, novas funções se colocam para serem assumidas na instituição escolar e conseqüentemente, nas atividades dos professores, não só sob o ponto de vista de reflexão e análise pedagógica, como a partir de instâncias político-sociais. Sabemos que situações adversas nem sempre permitem que o professor tenha uma boa formação e condições objetivas para ensinar, tais como: maior incentivo financeiro por parte dos governantes, escolas mais equipadas e estruturadas fisicamente, entre outros fatores.

Tem sido, também, muito forte a defesa da “sociedade do conhecimento”, no entanto, conforme explicita Duarte (2003), estamos vivendo na “sociedade das ilusões”, que, a cada dia, nega nas escolas a importância dos conhecimentos clássicos ou científicos. Fala-se tanto do conhecimento, mas esse não tem sido apropriado por todos os indivíduos, por todas as classes sociais, haja vista o elevado índice de fracasso escolar que assola o país.

Quando nos reportamos à importância da apropriação dos conhecimentos científicos no processo de humanização, temos que trazer à tona a temática acerca da formação e trabalho docente, que tem sido contemplada em vários estudos nas áreas de Psicologia e Educação. Penna e Knobeluch (2005, p. 17), por exemplo, fizeram uma análise sobre o tema formação de professores em teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação no período de 1981 a 1998, buscando identificar o acúmulo de conhecimento sobre essa questão. Eles chegaram à conclusão de que, nos resumos dos trabalhos, os pesquisadores “definiram como objeto de estudo preferencial a avaliação dos cursos ou processos de formação, e, na sua maioria, apresentam conclusões muito próximas, qual seja, a necessidade de reformulação dos cursos”. Em eventos de educação, esse tema também tem se destacado, como podemos constatar nos estudos realizados por Souza et al. (2006). As autoras fizeram um “balanço” dos temas contemplados no conjunto dos trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho-GT de Psicologia da Educação da ANPEd – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação, e concluíram que a formação de professores foi o tema de maior incidência nesse GT, seguido da constituição da subjetividade.

Utilizando como exemplo estes trabalhos e demais artigos que viemos tendo contato, que tratam da formação e trabalho do professor, particularmente em pesquisa realizada por Facci (2004), chama-nos a atenção, em primeiro lugar, o

quanto o tema formação de professores está presente nas pesquisas realizadas nos últimos anos, assim como as tendências pedagógicas, embasadas geralmente em teorias psicológicas. Tais estudos têm definido que tipo de formação deve ser proposta ao professor e como este profissional tem que desenvolver a prática pedagógica.

Tendências pedagógicas e a compreensão do trabalho do professor

Facci (2004) enfatiza que a Teoria do Professor Reflexivo, a Pedagogia das Competências, assim como o Construtivismo têm norteado o processo de formação e atividade docente. A perspectiva do professor reflexivo, que salienta o aspecto da prática como fonte de conhecimento por meio da reflexão e experimentação, começou a ser difundida nos meios educacionais por volta de 1980, com base nas idéias de Donald Schön (1995) – que fundamentou suas pesquisas em John Dewey, um dos mentores da Escola Nova. O que se prega, então, é a proposição de situações de experimentação que permitam a reflexão por parte dos professores no que se refere à prática pedagógica. Além de Schön, Zeichener e Shulman também trabalham com a perspectiva do professor reflexivo. Zeichner parte da teoria desenvolvimentista, pautada nos processos de desenvolvimento e aprendizagem com base construtivista, enquanto Schön trata de um professor prático reflexivo. Zeichner (1993) entende o professor como pesquisador, cujo papel é muito mais auxiliar os alunos na construção do saber do que transmitir conhecimentos. Já Shulman (1986), pautando-se na abordagem cognitivista, enfatiza a questão dos conhecimentos que os professores têm do conteúdo e da forma como estes conteúdos transformam o ensino. A Pedagogia do Professor Reflexivo, no que se refere à compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem, tem se fundamentado, geralmente, na Epistemologia Genética de Jean Piaget.

A Pedagogia das Competências, outra tendência pedagógica que tem permeado a prática pedagógica, compreende que o ponto de partida e de chegada deve ser a atuação profissional do professor, desenvolvida pela aquisição de competências, superando a dicotomia teoria-prática. Essas idéias de competência foram apropriadas das produções de Perrenoud (1999, p. 7), cuja análise demonstra que o sistema educacional só pode formar competências se houver uma considerável transformação na prática docente, de forma que os professores percebam que “a meta é antes fazer aprender do que ensinar”. Este autor esclarece que tem que haver uma ruptura com as didáticas tradicionais, passando a dar ênfase ao aluno,

enquanto sujeito ativo da sua própria aprendizagem. Ele busca fundamentos na Teoria de Piaget e afirma que essas novas didáticas “enfraquecem o controle do professor e alargam o espaço de manobra dos alunos”. O aluno deve dirigir o seu ensino.

Uma outra teoria presente nos meios educacionais é o Construtivismo com base psicológica também na Epistemologia Genética de Jean Piaget. As idéias de Piaget – considerado o “pai” do Construtivismo – começaram a ser divulgadas, com muita ênfase nos meios educacionais, a partir da década de 1920 com a proposição da Escola Nova. Essa tendência se baseou, em termos pedagógicos, no estadunidense John Dewey e, em termos psicológicos, na teoria piagetiana. Defende princípios como respeito à atividade do aluno, cooperação e solidariedade, autonomia, importância do trabalho em grupo¹

Para o pensador suíço, a aprendizagem refere-se ao processo de constituição das estruturas operatórias do pensamento. O desenvolvimento é privilegiado em detrimento da aprendizagem; aquele é responsável pela aprendizagem, antecede a esta. Piaget (1988, p. 61) afirma que

O objetivo da educação intelectual não é saber repetir ou conservar verdades acabadas [...], mas sim levar o aluno a construir conhecimento. É a ação do aluno sobre o meio, baseado na sua percepção, que leva ao conhecimento. O processo educacional deve ter como finalidade o desenvolvimento mental dos alunos, o desenvolvimento do raciocínio.

Juan Delval (1998, p. 34), quando levanta as teses sobre o Construtivismo, cita que “a afirmação de que o professor é quem ensina é contrária a uma posição construtivista”. Portanto, o papel de adulto reservado ao professor é criar situações para que os alunos aprendam, porque é o sujeito, em última instância, que é responsável pela construção do conhecimento, partindo dos conhecimentos prévios para qualquer nova aprendizagem.

As teorias apresentadas, conforme Facci (2004), contribuem para a desvalorização do trabalho do professor. No que se refere à Teoria do Professor

¹ Conforme Soares (1997), as idéias de Piaget têm sido utilizadas para fins de reformulação da escola. Vimos sua influência, primeiramente, nas experiências realizadas por educadores da Escola Nova; em seguida, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4024/61), criou-se oportunidade de executar novas propostas de ensino as quais buscaram subsídios nessa teoria e, no final do ano 1990, o Ministério da Educação constituiu uma equipe com assessoria de César Coll (que é construtivista) para elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais publicados em 1998.

Reflexivo, a apropriação generalizada da perspectiva da reflexão, inclusive nas reformas educacionais no Brasil, de acordo com Pimenta (2002), despe o professor de sua potencial dimensão político-epistemológica e não se transforma em medidas para a efetiva elevação do estatuto da profissão professor e para a melhoria das condições escolares. Somente a prática, sem a apropriação do conhecimento por parte do professor, não auxilia o mesmo a ter uma posição ativa na sala de aula e muito menos uma visão crítica sobre a realidade que foi construída pelos homens. Do nosso ponto de vista, o conhecimento teórico crítico, já produzido pelas gerações anteriores e que explica a forma histórica de ser dos homens, é que deve servir de ferramenta para entender e significar a prática atual do professor. Torriglia (2005), neste aspecto, esclarece que as próprias políticas educacionais têm provocado uma desvalorização do trabalho do professor, tanto quando enfatiza a Teoria do Professor Reflexivo como a Pedagogia das Competências. Em ambas as perspectivas, pode-se afirmar, pautando-nos em Moraes (2003, p. 153), que estamos celebrando o “fim da teoria”, priorizando “[...] a eficiência e a construção de um terreno consensual que toma por base a experiência imediata”. E, em tal “utopia praticista”, “[...] basta o *know-how* e a teoria é considerada perda de tempo ou especulação metafísica; quando não, é restrita a uma oratória persuasiva e fragmentária, presa à sua própria estrutura discursiva”. Esse mesmo “fim da teoria” pode-se constatar, de acordo com Facci (2004) e Duarte (1996), na perspectiva construtivista, que pouco valor dá à apropriação do conhecimento científico, destacando como relevante aqueles conhecimentos que o indivíduo constrói sozinho.

Embora tenhamos, de certa forma, uma hegemonia dessas tendências pedagógicas, com base quase que exclusivamente em Piaget, por volta de 1980, chegaram ao Brasil as primeiras traduções das obras de L. S. Vigotski, que foi o mentor inicial da Psicologia Histórico-Cultural ou Sócio-Histórica, assim como, na mesma época, começou a difusão dos estudos realizados por Saviani, que propõe uma visão crítica da educação, com base na Pedagogia Histórico-Crítica. Ambas as teorias, partindo de uma perspectiva teórico-metodológica marxista, diferentemente da proposta de formação do professor reflexivo, da Pedagogia das Competências e da abordagem construtivista, criam possibilidades de refletir sobre o próprio significado do processo educativo na humanização do indivíduo e sobre a contribuição do professor nesse processo.

Saviani (2002, 2003) e Duarte (1993) entendem que a educação é um processo mediador entre a vida do indivíduo e a história. A escola, nesse processo

de humanização, faz a mediação entre os conteúdos historicamente produzidos pela humanidade e o aluno, procurando formas para que esses conhecimentos sejam apropriados pelos indivíduos, contribuindo para a formação de novas gerações.

Vigotski (1896-1934) também destaca a mediação do professor na formação do indivíduo. Juntamente com estudiosos da Psicologia Histórico-Cultural, como A. L. Leontiev, A. R. Luria, P. I. Galperin, D. B. Elkonin, V. Davidov, ele buscou compreender o desenvolvimento do psiquismo a partir das condições históricas que engendram a formação da subjetividade, dando destaque à cultura na formação das funções psicológicas superiores, especificamente humanas, tais como atenção concentrada, memória lógica, capacidade de abstração, planejamento, etc. De acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, o ensino tem um papel central em todo o sistema de organização da vida da criança, determinando seu desenvolvimento psíquico, por constituir uma via, um meio sistematizado e organizado de transmissão da experiência social. Para Vigotski (1991, 1993), a aprendizagem é um momento necessário e universal para que se desenvolvam na criança as características humanas formadas historicamente. A tarefa do professor é ensinar à criança aquilo que ela não é capaz de aprender por si só, fazendo a mediação entre os conhecimentos científicos e os alunos. A prática docente implica em criar possibilidades para que o aluno se aproprie dos instrumentos cognitivos/culturais para desenvolver os processos psicológicos superiores. Por meio da internalização dos instrumentos dados culturalmente, via mediação educativa, o homem passa a ter acesso a produções culturais cada vez mais amplas e diversificadas. É na coletividade, portanto, que o indivíduo desenvolve as características humanas.

Na Escola de Vigotski, o processo de desenvolvimento segue o processo de aprendizagem e este é responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). A escola, ao investir no desenvolvimento potencial, ajuda a criança naquilo que ela ainda não consegue fazer de modo independente. Vigotski (1991, 1993) enfatiza que é intervindo na ZDP que o professor provoca o desenvolvimento, porque ajuda o aluno a efetivar aprendizagens. Conforme Vigotski (2000), espera-se que, na escola, a aprendizagem se constitua em fonte de desenvolvimento dos conceitos científicos, visto que ela é o momento decisivo e determinante de todo destino do crescimento intelectual da criança.

Facci et al. (2004), ao refletirem sobre os caminhos e descaminhos de ser professor, afirmam que é mediante a apropriação dos conhecimentos científicos

que o aluno terá condições de compreender e analisar a sociedade em que vive, o que lhe fornece condições de transformar sua consciência e, a partir daí, engajar-se na transformação da sua realidade.

A metodologia da pesquisa

Para o desenvolvimento deste estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica nos seguintes periódicos de psicologia e educação: Estudos de Psicologia (Natal); Psicologia e Sociedade; Psicologia em Estudo; Psicologia USP; Psicologia: Reflexão e Crítica; Psicologia: Teoria e Pesquisa e Revista do Departamento de Psicologia UFF e Revista Brasileira de Educação. Os periódicos consultados referem-se ao período de 2002 à 2006.

A pesquisa foi realizada no acervo de periódicos da Biblioteca Central da UEM, assim como na Scientific Electronic Library Online – Scielo – biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Inicialmente, foram levantados todos os artigos que tratavam do trabalho do professor, considerando as palavras-chave: professor, trabalho do professor, formação continuada de professores, trabalho docente, prática docente, e outras palavras que estivessem relacionadas ao trabalho do professor. Os textos foram lidos, estudados e tabelados conforme a revista a que pertenciam, a concepção teórica adotada e o perfil de professor considerado no texto.

Em termos de análise, buscou-se considerar os pressupostos desenvolvidos pela Escola de Vigotski, particularmente no que se refere à compreensão do trabalho do professor, destacando o quanto esta perspectiva pode contribuir para a valorização desse profissional, haja vista a relação que estabelece entre apropriação do conhecimento e formação dos processos psicológicos superiores.

Apresentação e discussão dos dados

Do total de 1142 artigos analisados, somente 3,06% deles apresentaram a temática do trabalho do professor, o que corresponde a 35 artigos (Tabela 1). Aqui já é possível perceber o quanto a Psicologia precisa investir mais na pesquisa sobre o trabalho do professor, uma vez que este profissional é imprescindível no processo de apropriação dos conhecimentos científicos, como postula Vigotski. Conforme vimos no texto de Souza et al. (2006), quando se trata de grupos que trabalham na vinculação entre Psicologia e Educação, isso acontece, mas constatamos, em nosso estudo que, quando se trata de estudos mais específicos na área de psicologia a intervenção docente não tem obtido destaque.

TABELA 1. número de artigos que enfocam o trabalho do professor

REVISTA	Nº DE ARTIGOS	Nº DE ARTIGOS QUE TRATAM DA PROFISSÃO DOCENTE
Psicologia em Estudo	192	6
Psicologia USP	58	2
Psicologia Teoria e Pesquisa	165	5
Psicologia Reflexão e Crítica	233	5
Estudos de Psicologia (Natal)	180	1
Psicologia e Sociedade	113	0
Revista do Departamento de Psicologia da UFF	74	2
Revista Brasileira de Educação	127	14
TOTAL	1142	35

Durante o desenvolvimento da pesquisa, pudemos perceber que os artigos que tratam da profissão docente abordam segundo temáticas bastante variadas. O tema “criatividade” apareceu em um maior número de artigos, porém, em artigos dos mesmos autores. A questão clínica é a de maior predominância nos temas gerais das revistas, sendo que pouca ênfase é dada à educação. O destaque a esta questão pode ser compreendido pela grande ênfase dada, na Psicologia, à área de Psicologia Clínica.

Ao compararmos os sete periódicos de psicologia analisados com um único periódico da área de educação, podemos perceber que a defasagem de artigos que enfocam o trabalho do professor é muito grande. Em todos os periódicos da psicologia foram encontrados 21 artigos no total, enquanto que, em somente um periódico da educação, foram encontrados 14 artigos. O foco central dos artigos encontrados na Revista Brasileira de Educação é a formação de professores, este tema aparece em 57,14% dos artigos. Se considerarmos os estudos realizados por Facci (2004), que faz um paralelo entre as teorias psicológicas e as tendências pedagógicas, vemos o quanto precisa haver um maior investimento nos estudos sobre o trabalho do professor, porque, como afirmava Vigotski (2001), cabe à Psicologia dar embasamento à Pedagogia no que se refere ao processo de desenvolvimento e aprendizagem. As teorias pedagógicas sempre se apoiam em teorias psicológicas para conduzir o processo pedagógico.

No que se relaciona às teorias psicológicas que fundamentam o trabalho do professor, constatamos que os artigos pesquisados geralmente não apresentam uma teoria específica na análise sobre a atividade docente, citando autores da Psicanálise, da Fenomenologia, Piaget entre outros, mas sem se aprofundar nas questões filosóficas e conceituais de tais teorias, sendo que, em 22,85% dos artigos, não foi possível

identificarmos uma perspectiva teórica definida. Somente dois textos (5,71%) trouxeram como referência a Psicologia Histórico-Cultural. Observamos também que pouca ênfase é dada ao professor enquanto transmissor do conhecimento, faltando explicitação acerca da compreensão do trabalho que o professor deve executar em sala de aula. Isso, do nosso ponto de vista, tem sido provocado pelas próprias tendências pedagógicas, que, como vimos na introdução deste trabalho, de acordo com Facci (2004) e Duarte (1996), têm descaracterizado o professor como aquele que está na escola para ensinar.

A respeito dos dois artigos que têm como concepção teórica a Psicologia Histórico-Cultural, foco de pesquisa do presente trabalho, um deles é intitulado "Reflexões sobre os caminhos e descaminhos de 'ser professor': uma contribuição da psicologia", de autoria de Facci et al (2004), publicado na Revista do Departamento de Psicologia da UFF. O texto trata de estudos teóricos sobre a profissão professor e a Psicologia Histórico-Cultural e discute dados de entrevistas realizadas com vinte professores do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino e Maringá, apresentando resultados do Projeto de Pesquisa "Os caminhos e descaminhos de ser professor no final do milênio", desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá-PR. Segundo as autoras, o papel do professor é dirigir o desenvolvimento psíquico do indivíduo, ensinando à criança aquilo que ela não é capaz de aprender sozinha. O professor tem uma função mediadora entre os conhecimentos científicos e a criança, além de desempenhar papel fundamental no processo de humanização, uma vez que leva o aluno a se apropriar da cultura.

O segundo artigo que tem como concepção teórica a Psicologia Histórico-Cultural é de autoria de Asbahr (2005), com o título "A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da Teoria Psicológica da Atividade". Foi publicado na Revista Brasileira de Educação. O objetivo do artigo é apresentar algumas contribuições da Teoria Psicológica da Atividade, de Vigotski, Leontiev, Luria, Davidov, entre outros, à pesquisa sobre a atividade pedagógica docente. De acordo com Asbahr (2005), o professor é responsável por organizar situações propiciadoras da aprendizagem, levando em conta os conteúdos a serem transmitidos e a melhor maneira de fazê-lo, sendo, portanto, o mediador entre o conhecimento e o aluno, entre os produtos culturais humano-genéricos e seres humanos em desenvolvimento.

Dois outros artigos pesquisados nos chamaram atenção por tratarem sob uma compreensão crítica a atividade docente, são os artigos "Reformas do Estado e da educação e as políticas públicas para a formação de professores a distância: implicações políticas e teóricas", publicado na Revista Brasileira de Educação, no ano de 2003, escrito por Silva Júnior; e "A psicologia frente a educação e o trabalho docente" de Carvalho (2002), publicado na revista Psicologia em Estudo.

O primeiro deles nos interessa porque adota como perspectiva teórica o marxismo, base da Psicologia Histórico-Cultural. O artigo analisa a formação de professores por meio da educação à distância, a partir das reformas de Estado, da educação e da mudança paradigmática da ciência produzida pelas instituições.

Segundo Silva Júnior (2003), a reforma educacional brasileira do ano de 1990 aconteceu e se estruturou segundo os movimentos do capital que ocorreram em meados da década de 1980, necessários devido à universalização do capitalismo. Houve, nesse período, uma série de transformações paradigmáticas na esfera educacional no Brasil. Como exemplo, tem-se a reforma curricular de todos os níveis e modalidades, efetivada por especialistas, institutos e fundações de pesquisa das melhores universidades do país; a reforma de financiamento educacional juntamente com a política avaliativa, possível pelo Sistema Nacional de Avaliação; entre outras transformações.

Em meio a essa reforma educacional, Silva Júnior (2003, p. 81), destaca o papel do docente, posto serem “[...] o professor e os dirigentes os agentes centrais de realização concreta da reforma e da mudança do paradigma educacional pretendido pelos gestores do MEC, por meio de suas práticas sociais no cotidiano da instituição escolar”. Desse modo, o autor entende que a atividade docente é uma prática social, inserida em um contexto de mudanças nas estruturas sociais brasileiras, nesse caso, a educação, sendo o local de prestígio da construção do ser social sob a intervenção do Estado reformado. Cabe ao professor tal mediação: entre as estruturas sociais e os alunos.

Outro ponto, questionado pelo autor, trata-se das políticas de formação de professores, nesse caso, realizadas pela educação a distância. Para Silva Júnior (2003, p. 89) “as políticas de formação de professores através da educação à distância parecem seguir a mesma racionalidade da matriz teórica, ideológica e política da reforma do Estado e da educação no Brasil”, estabelecendo linhas de ação que “[...] fazem supor um processo educacional baseado predominantemente no cognitivo e no gnosiológico, sem a preocupação em ver a educação como uma prática social”. Podemos observar que tanto a economia brasileira como os demais setores políticos e institucionais estão submetidos à movimentação do capital, resultando em mudanças nem sempre benéficas, nas quais predominam as orientações com origem no Estado.

Já o artigo de Carvalho (2002), leva em conta que as temáticas que expressam as discussões educacionais que ocorreram em todo esse século e até hoje são questões presentes no debate da área, podendo ser destacadas: a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, a importância da educação para o desenvolvimento do psiquismo e o papel do professor no processo ensino-aprendizagem. Desta forma, o objetivo do artigo foi examinar como aparecem tais temáticas no pensamento de alguns autores, entre

eles L. Vigotski, que nos interessa. No entanto, vale esclarecer que a autora não objetiva, neste artigo, fazer uma análise com base nessa teoria, mas sim apresentar algumas teorias que estão presentes no meio educacional.

Segundo Carvalho (2002), Vigotski defende a idéia da importância do meio social para a constituição do indivíduo, e que, ao passar pelo sistema escolar, permite ao indivíduo classificar, conceituar e compreender o mundo de modo diferente, já que ele aprende a lidar com conceitos teóricos que proporcionam uma compreensão mais complexa da realidade. Isso se dá, segundo Carvalho (2002, p. 58), devido o papel da cultura no desenvolvimento do psiquismo: “a cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis no sistema do comportamento humano em desenvolvimento”. Portanto, a ação escolar (professor-aluno-conhecimento) deve pautar-se não mais pelo passado, pela etapa já superada, mas pelo futuro, por aquilo que a criança poderá aprender com a intervenção dos processos culturais.

Considerações Finais

Dos artigos lidos e analisados, são poucos os autores que explicitam a concepção teórica que fundamenta a compreensão do trabalho do professor. Pode-se constatar que está havendo um ecletismo em relação aos fundamentos filosóficos que guiam as várias correntes da Psicologia, provocando um descaso com fundamentos teóricos consistentes, um “recoo da teoria”, como explicita Moraes (2003), recoo que dá lugar a uma elevada valorização da experiência. Alguns artigos são confusos, por não deixarem claro qual o posicionamento teórico ou sob qual perspectiva teórica estão analisados os dados apresentados, o que pode levar o leitor a considerar que não se deve destacar o ponto de partida, isto é, a fundamentação teórica de tendências pedagógicas e teorias psicológicas que estão servindo de suporte para o entendimento da formação e atuação do professor. Vale destacar que, no texto “O significado histórico da Psicologia”, Vigotski (2000) já questionava teorias psicológicas que se embasavam no ecletismo.

Retomando os estudos de Duarte (2003), podemos questionar: como podemos falar de sociedade do conhecimento se a própria formação de professores muito pouco tem contribuído para essa crítica radical ao capitalismo, uma vez que tem deixado à mercê de cada um a construção do conhecimento? Se não há uma explicitação de qual teoria tem guiado as pesquisas e o trabalho do professor, como se contrapor às tendências que estão na moda, nos meios educacionais, que primam pelo esvaziamento do trabalho docente, conforme explicita Facci (2004)?

Duarte (2003, p. 14) esclarece que a função ideológica desempenhada pela crença na chamada “sociedade do conhecimento” tem a função principal de

[...] enfraquecer críticas radicais ao capitalismo e enfraquecer a luta por uma revolução que leve a uma superação radical do capitalismo, gerando a crença de que essa luta teria sido superada pela preocupação com outras questões 'mais atuais', tais como a questão da ética na política e na vida cotidiana pela defesa dos direitos do cidadão e do consumidor, pela consciência ecológica, pelo respeito às diferenças sexuais, étnicas ou de qualquer outra natureza.

Essas questões que parecem tão avançadas, nada mais fazem para contribuir para uma "sociedade das ilusões", que acredita que cada um pode tomar a rédea de sua vida, sem considerar as condições histórico-sociais que produzem determinadas práticas docentes. Não é possível desvincular a forma de compreender o trabalho e a formação do professor sem pensar que sociedade é essa e, se no contexto atual, deseja-se, realmente, um homem crítico que possa pensar sobre a sua condição de vida em uma sociedade estratificada em classes sociais antagônicas. Segundo Silva, (2005, p. 159) "[...] em decorrência da globalização da economia e reestruturação produtiva, novos procedimentos pedagógicos são acrescentados a instituição escolar, a produção flexível passa a exigir um novo tipo de orientação pedagógica para um novo tipo de trabalho e trabalhador". O espírito que impera, na atualidade, prima pelo sentimento de individualidade e não coletividade. Esse é o mote: refletir sobre a experiência, destacar a vida cotidiana em detrimento de um devir, valorizar os conhecimentos espontâneos em detrimento do conhecimento científico, e isso, parece a nós, a literatura tem realizado com muita propriedade, conforme pudemos observar nos nossos estudos.

Consideramos, para concluir este artigo, que, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, é possível destacar que a ferramenta de trabalho do professor é o conhecimento, adquirido nos bancos da universidade, na formação continuada e mesmo em estudos realizados individualmente. Se o conhecimento é ferramenta do docente, mister se faz que ele se aproprie do que melhor já foi produzido pela ciência para que possa levar o que de melhor existe para os seus alunos. Somente desta forma o professor poderá, realmente, contribuir para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e, portanto, para o processo de humanização dos alunos. Portanto, defendemos a realização e divulgação de estudos, na área de Psicologia, que primem pela valorização do trabalho do professor, fato que não pudemos observar nas revistas pesquisadas, e que trariam grande contribuição para a atuação da Psicologia na Educação.

Referências

- ASBAHR, F. da S. F. (2005). A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade. *Rev. Bras. Educ.* (29). Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 15 Jan 2007.
- CARVALHO, D. C. de. (2002). A psicologia frente a educação e o trabalho docente.

Psicol. estud. 7(1). Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 03 Ago 2007.

DELVAL, J. (1998). Teses sobre o construtivismo. In: RODRIGO, Maria José. & ARNAY, José. (Orgs.). *Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança – A construção do conhecimento escolar*. São Paulo, Ática, p. 15-35.

DUARTE, N. (1993). *A individualidade para-si* (contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, Autores Associados.

DUARTE, N. (1996). *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados.

DUARTE, N. (2003). *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?* Quatro ensaios críticos-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, Autores Associados.

FACCI, M. G. D. (2004). *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana*. Campinas, Autores Associados.

FACCI, M. G. D. et al. (2004). Reflexões sobre os caminhos e descaminhos de "ser professor": uma contribuição da psicologia. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF* 2004. 16(2):101- 119.

MORAES, M. C. M.. Recuo da teoria. In: MORAES, M. C. M. (Org.). (2003). *Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro, DP&A, p 151-168.

PENNA, M. G. de O.; KNOBLAUCH, A. (2005). Formação de professores em resumos de teses e dissertações e o acúmulo de conhecimento. Trabalho apresentado durante a Reunião Anual da ANPEd, 28. *Anais*. Caxambu. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm> . Acesso em: 05 Ago 2007.

PERRENOUD, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PIAGET, J. (1988) .*Para onde vai a educação?* 10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio.

PIMENTA, S. G. (2002). Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido ; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo, Cortez, p. 17-52.

SAVIANI, D. (2002). *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 35ª. ed. São Paulo, Cortez.

SAVIANI, D. (2003). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8. ed. Campinas, Autores Associados.

SCHÖN, D. A.(1995). Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.) *Os professores e sua formação*. Lisboa, Dom Quixote, p. 77-91.

SHULMAN, L. S. (1986). Those who understand: knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, 15 (2): 4-14.

SILVA JUNIOR, J. dos R. (2003). Reformas do Estado e da educação e as políticas públicas para a formação de professores a distância: implicações políticas e teóricas. *Rev. Bras. Educ.* 24 , Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 03 Ago 2007.

SILVA, R. G.D. (2005). As políticas educacionais e o ensino de psicologia mo ensino médio: uma análise da implementação na rede pública estadual de Maringá, PR (1999-2002). Tese de Doutorado. Campinas, S.P.

SOARES, Eliane Veras. A recepção do pensamento de Jean Piaget no Brasil: uma análise sociológica. In: FREITAG, Bárbara. (Org.) (1997). *Piaget: 100 anos*. São Paulo, Cortez, p. 211-222.

SOUZA, M. P. R. ; SCHLINDWEIN, L. M. ; SILVA, L. H. ; ASBAHR, F. S. F. ; NADALETO, C. (2006) Grupo de trabalho psicologia da educação: uma análise da produção acadêmica (1998-2004). *Psicologia da Educação* 22: 141-160.

TORRIGLIA, P. L. (2005). *Brasil e Argentina: uma compreensão histórica-política da formação docente*. Trabalho apresentado durante na Reunião Anual da ANPEd, 28. *Anais*. Caxambu. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm> . Acesso em: 05 Ago 2007.

VIGOTSKI, L. S.(2000). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo, Martins Fontes.

VIGOTSKI, L. S. (2001). *Psicologia pedagógica: un curso breve*. Buenos Aires, AIQUE.

VYGOTSKI, L. S. (1991). *Obras escogidas I*. Madrid, Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones.

VYGOSKI, L. S. (1993). *Obras escogidas II*. Madrid, Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones.

ZEICHNER, K. M (1993). *A formação reflexiva de professores: idéias e práticas*. Lisboa, Educa.